

# I

## INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a Lingüística e a Teoria Literária passaram por significativas transformações teóricas e metodológicas provocadas por reflexões no campo das Ciências Humanas, principalmente ligadas à Filosofia, à Psicanálise, à Sociologia e à Antropologia. Em tais reflexões, alguns tópicos que merecem destaque são a relação sujeito/objeto, o relativismo lingüístico e a fragmentação e permeabilidade das identidades individuais. Neste início de século XXI, penso que já podemos dizer que os questionamentos teóricos do Pós-Estruturalismo e o entrecruzamento entre sujeito, língua, cultura e ideologia representam a visão hegemônica entre teóricos da linguagem.

Uma das conseqüências dessas transformações foi o enfraquecimento da postura cientificista nas Ciências Humanas, acompanhado de uma flexibilização metodológica e uma maior contextualização e relativização dos fenômenos tratados. A prescrição cedeu espaço à descrição; o etnocentrismo à etnografia. A noção de originalidade também perdeu força em relação à de intertextualidade, de forma que toda escrita será sempre uma reescrita de inúmeros outros textos.

No campo dos Estudos da Tradução, essas mudanças tiveram como principal contribuição libertar a atividade tradutória dos ideais tradicionais de literalidade e fidelidade e, conseqüentemente, aliviar o tradutor da tarefa impossível de resgatar e preservar um suposto sentido original contido no texto. O tradutor passou a ser visto por muitos como intérprete e criador, e entende-se que seus textos são informados por seu contexto histórico, seu meio social, sua ideologia, seu inconsciente.

Entretanto, em casos mais extremos esse movimento acabou por conferir às concepções teóricas sobre a tradução uma certa falta de limites que parece legitimar como ato tradutório toda e qualquer prática de escrita ou reescrita, intra ou inter-cultural. Porém, se não existe original, se um texto não possui nenhum conteúdo intrínseco, se toda escolha de palavras representa um posicionamento ideológico e se qualquer tentativa de conceituação mais restrita de tradução é

rotulada de logocêntrica ou prescritivista, então qual seriam, de fato, a natureza dessa atividade e o papel do tradutor?

Começou-se a perceber então a inviabilidade, para a prática tradutória, de uma concepção de tradução que, destituída de suas definições tradicionais, não mais possuísse parâmetros delimitadores minimamente claros e partilhados. Uma das conseqüências disso é o acirramento da distância entre teoria e prática, entre academia e mercado de trabalho. Por um lado, a maioria dos tradutores profissionais não tem interesse pela teoria por considerá-la inútil; por outro, muitos acadêmicos desdenham os tradutores que continuam a trabalhar acreditando em concepções ultrapassadas semelhantes às do senso comum. Desse modo, a maior parte dos trabalhos de tradução, assim como sua recepção e crítica, não é influenciada pelas discussões teóricas, as quais ficam relegadas a exercícios de divagação filosófica — sem dúvida fascinantes, mas sem aplicação prática.

Esse abismo foi reconhecido pela Lingüística, pela Teoria Literária e pelos Estudos da Tradução, e começou a configurar-se um movimento que, sem desconsiderar a relevância dos avanços teóricos, busca identificar ou estabelecer algumas restrições à aparente falta de limites por estes gerada. Diversos autores, inclusive alguns dos que participaram intensamente do movimento pós-estruturalista, vêm refletindo sobre o rumo tomado pelas teorias, a relação entre a academia e o mercado e entre a teoria e o senso comum, além de questões éticas de diversas naturezas. No campo da tradução, em paralelo a essas discussões, tem-se repensado a própria identidade do fazer tradutório e sua relação com outras atividades, tais como a criação autoral e a adaptação.

Como exemplos dessas reflexões, podemos mencionar as discussões de Umberto Eco em *Os limites da interpretação* (2000) e *Interpretação e superinterpretação* (1993), nas quais o autor defende que todo texto possui algum conteúdo intrínseco e reivindica, se não um número restrito de leituras possíveis para um determinado texto, ao menos a possibilidade de descartar leituras consideradas extrapolações — isto é, “estabelecer uma espécie de princípio popperiano, não para legitimar as boas interpretações mas para deslegitimar as ruins” (Eco, 2000: 16). O autor afirma ainda que

dizer que um texto é potencialmente sem fim não significa que *todo* ato de interpretação possa ter um final feliz. Até mesmo o desconstrucionista mais radical aceita a idéia de que existem interpretações clamorosamente inaceitáveis. Isso significa que o texto interpretado impõe restrições a

seus intérpretes. Os limites da interpretação coincidem com os direitos do texto (o que não quer dizer que coincidam com os direitos de seu autor). (*ibid*: xxii)<sup>1</sup>

As conseqüências desses argumentos para o trabalho do tradutor são evidentes: o fato de que ele *possa* interpretar o texto de inúmeras maneiras não quer dizer que todas as suas interpretações serão válidas, principalmente se ele não respeitar certos limites impostos pelo texto. Essas colocações voltam a trazer à tona a discussão sobre que tipo de informação está de fato contida no texto e sobre a natureza e os objetivos do esforço interpretativo por parte do leitor.

Outro trabalho que merece menção é o recente livro de Kanavillil Rajagopalan (2003), *Por uma Lingüística crítica*, em que ele questiona o isolamento no qual a Teoria Lingüística se colocou e defende uma Lingüística mais crítica, política e ética que volte a se preocupar com problemas práticos e não simplesmente descarte o senso comum como sendo ignorante das “verdades” sobre a língua.

Contrariamente a muitos colegas, no Brasil e no exterior, que acreditam que o que falta é a maior divulgação dos resultados das pesquisas realizadas numa linguagem acessível ao leigo, sou da opinião de que é preciso também rever alguns postulados fundadores da disciplina. No lugar da divulgação, penso que o que deve haver é uma maior interação. Entre o lingüista e o leigo. Interação implica, por sua vez, entrosamento. A divulgação é monológica, unilateral. [...] De nada vale nossa vontade, como lingüistas, de nos comunicar com o público leigo, se ela se limita a uma vontade de “promulgar” os ensinamentos da lingüística. (*ibid*: 9-10)

A presente pesquisa procura levar em consideração essa observação. Apesar de o público-alvo direto deste trabalho não serem os leigos em tradução e sim os tradutores — tanto os mais voltados para a academia quanto os envolvidos com o mercado profissional —, concordo com Rajagopalan que é necessário um entrosamento maior entre nós, produtores de traduções e de reflexões sobre nossa atividade, e o público leigo que consome os produtos de nosso trabalho e que gera demanda pela maior parte de nossos serviços. Portanto, ao longo deste texto, buscarei levar em conta essa demanda e as expectativas do público consumidor.

Já no campo específico da tradução, vale destacar *The return to ethics*,

---

<sup>1</sup> Ao longo deste trabalho, estou convencionando manter as citações sempre em português. No caso de textos escritos ou traduzidos em português, a citação não é acompanhada por nota de rodapé. Já no caso de textos em outras línguas — inglês ou espanhol —, decidi manter como nota de rodapé o texto original, para dar ao leitor a liberdade de verificar os termos ou formas originalmente empregados por seus autores.

coletânea organizada por Anthony Pym, o qual explicitamente considera o movimento teórico dos anos 1990 uma “*over-reaction*” (Pym, 2001a: 129) e busca reaproximar teoria e prática retomando conceitos e metodologias que necessariamente devem passar por considerações de natureza ética. Duas observações que o autor faz ao apresentar seus objetivos se aproximam do percurso deste trabalho:

A ética é agora uma questão amplamente contextual, dependente da prática realizada em locais culturais específicos e de determinantes situacionais. Parece haver uma concordância cada vez maior em se focar nas pessoas e não nos textos [...].<sup>2</sup> (*ibid*: 137)

E:

O retorno à ética, para que tenha alguma substância, deve ser um retorno a um pensamento de uma natureza muito aplicada [...]. A ética deve estar enraizada na individualidade histórica daquilo que os tradutores fazem, e só então em apelos a princípios abstratos ou atemporais.<sup>3</sup> (*ibid*: 136)

Essas citações se relacionam à presente pesquisa em três aspectos, os quais permearão toda esta dissertação: (i) a necessária convergência entre teoria e prática; (ii) a ênfase na contextualização das diversas atividades e no papel dos profissionais que as exercem; e (iii) a menção à dimensão subjetiva inerente à prática tradutória.

Assim, o presente trabalho procura se alinhar a esse movimento atual, que se baseia no Pós-Estruturalismo porém assume uma atitude crítica em decorrência de alguns de seus efeitos. Ele incorpora posturas adotadas nas últimas décadas do século XX, adota uma abordagem descritiva e sistêmica, relativiza conceituações, busca evitar o uso de distinções e dicotomias baseadas em uma visão de mundo que se pretende neutra, leva em consideração o olhar e a postura da pesquisadora com relação ao objeto de estudo e inclui algumas reflexões informadas por outras áreas das chamadas Ciências Humanas. Tudo isso atrelando as discussões teóricas a uma prática específica que cumpre diversas funções e envolve interesses de tradutores, clientes, acadêmicos e também do público que usufrui dos produtos desse trabalho sem partilhar de uma visão mais elaborada sobre o processo de

---

<sup>2</sup> Ethics is now a broadly contextual question, dependent on practice in specific cultural locations and situational determinants. There would seem to be increasing agreement to focus on people rather than texts [...].

<sup>3</sup> The return to ethics, if it is to have any substance, must be a return to thought of a very applied nature [...]. Ethics must take root in the historical individuality of what translators do, and only then in appeals to abstract or timeless principles.

tradução.

Essa prática é a da tradução para legendas, atividade que exerço regularmente há alguns anos e em relação à qual desenvolvi um grande interesse teórico. Essa atividade constitui o objeto de estudo central desta dissertação e é apresentada a seguir.

## **I.1 Pesquisas no campo da tradução audiovisual**

Desde o advento do cinema, os meios audiovisuais vêm se desenvolvendo, se diversificando e se tornando mais influentes como recursos de comunicação entre as culturas de todo o mundo. E a tradução dos diversos produtos ligados a tais meios sempre acompanhou esse desenvolvimento. O século XX testemunhou a explosão dos meios audiovisuais com o cinema falado, a televisão, os equipamentos de vídeo domésticos, a computação, a Internet e o DVD, muitos dos quais permitem, além da simples recepção de produtos, a interação com eles de inúmeras maneiras. Hoje, cada vez mais vertiginosamente, a “[c]onvergência entre mídia, telecomunicações e TIC [Tecnologias de Informação e Comunicação] continua aumentando a natureza multimedial, ou polissemiótica, da comunicação eletrônica”<sup>4</sup> (Gambier & Gottlieb, 2001: xiii).

Contudo, apesar de praticadas há tanto tempo e em enorme expansão nas últimas décadas, as diversas modalidades de tradução empregadas para facilitar o trânsito de todos esses produtos entre culturas têm sido praticamente ignoradas como objeto de estudo teórico até a virada deste século. Como aponta Jorge Díaz Cintas, trata-se de

um certo paradoxo, que destaca o surpreendente desequilíbrio que existe entre a pouca pesquisa que tem sido dedicada a este fenômeno do comportamento humano e seu enorme impacto social. Em termos numéricos, a tradução levada a cabo nos meios audiovisuais é talvez a atividade tradutora mais importante de nossos dias. Por duas razões. Em primeiro lugar pelo número de pessoas a que ela chega, dada a facilidade de recepção através, fundamentalmente, da televisão. Em segundo lugar, pela grande quantidade de produtos traduzidos que são transmitidos a outras culturas: documentários, entrevistas, filmes, notícias, debates,

---

<sup>4</sup> Convergence between media, telecommunications and ICT keeps increasing the multimedial, or polysemiotic, nature of electronic communication.

espetáculos, etc...<sup>5</sup> (Díaz Cintas, 1997: 9)

Dentre essas modalidades, as mais conhecidas em nossa cultura são as seguintes: a tradução feita através da inserção de legendas, geralmente na parte inferior da tela de exibição, de forma sincronizada com as falas — também chamada *legendação* ou *legendagem* —; a *dublagem*, que consiste em substituir o canal de áudio com o texto oral na língua original por um canal de áudio com o texto traduzido; o *voice over*, em que a voz de um intérprete se sobrepõe ao áudio original mas sem apagá-lo; e, mais recentemente, o *closed caption*, semelhante à legendagem porém feito na mesma língua do produto, visando auxiliar deficientes auditivos ou pessoas com dificuldade de compreensão da língua oral.

Existem ainda várias outras práticas e diversas subdivisões dessa área, dependendo de como ela é delimitada — conforme será visto na Seção I.2. Gambier (2002) chega a identificar 14 modalidades no campo que ele denomina *screen translation*. Entre elas, além das já mencionadas, podemos destacar a tradução de roteiros; a legendagem simultânea ou ao vivo, que pode ser realizada em conjunto por um intérprete e um digitador ou, mais recentemente, por um intérprete utilizando um sistema de reconhecimento de voz que gera as legendas; a interpretação simultânea ou consecutiva de eventos transmitidos ao vivo; o *surtitling*, também semelhante à legendagem e exibido sobre o palco em peças teatrais e óperas; e o *audio vision*, um tipo de dublagem em que são feitos comentários e descritas as cenas, para auxiliar deficientes visuais.

Como foi dito na seção anterior, meu principal objeto de estudo será a *tradução para legendas* ou *legendagem*. No Brasil, essa prática divide com a dublagem a tradução da quase totalidade dos produtos audiovisuais veiculados através de cinemas, canais de televisão abertos e fechados, VHS e DVD.

Um dos pontos acerca do qual concordam aqueles que se aventuram a pesquisar esta área de forma mais aprofundada é a carência de fundamentos teóricos e metodológicos adequados ao desenvolvimento de estudos mais

---

<sup>5</sup> una cierta paradoja, que subraya el sorprendente desequilibrio que existe entre la poca investigación que se le ha dedicado a este fenómeno del comportamiento humano y su enorme impacto social. En términos numéricos, la traducción que se lleva a cabo en los medios audiovisuales es quizás la actividad traductora más importante de nuestros días. Por dos razones. En primer lugar por el número de personas al que llega, dada la facilidad de recepción a través, fundamentalmente, de la televisión. En segundo lugar, por la gran cantidad de productos traducidos que se trasvasan a otras culturas: documentales, entrevistas, películas, noticias, debates, galas, etc...

sistemáticos. Essa falta de fundamentação torna difícil agregar pesquisas isoladas e assim fazer com que os resultados convirjam de forma a melhorar a qualidade das práticas, elaborar métodos de ensino especializados e direcionar o desenvolvimento da teoria. Yves Gambier e Henrik Gottlieb afirmam, na introdução à coletânea que organizaram dedicada à tradução de multimídia, que

[a] pesar das muitas contribuições apresentadas neste volume, a pesquisa em tradução de (multi)mídia continua difícil [...] devido à falta de arcabouços teóricos e instrumentos metodológicos apropriados. Até hoje, essa pesquisa não foi confrontada, por exemplo, pela teoria da relevância, abordagem polissistêmica, análise crítica do discurso (tão útil em Estudos de Mídia) ou psicologia cognitiva.<sup>6</sup> (Gambier & Gottlieb, 2001: xix-xx)

Um dos principais empecilhos ao desenvolvimento de tais arcabouços é a grande gama de práticas e modalidades tradutórias envolvidas sob rótulos como *tradução de multimídia* ou *tradução audiovisual*. É ingênuo esperar que uma só teoria possa dar conta de todas essas modalidades, sobretudo considerando-se que cada uma delas sofre transformações nos diversos contextos culturais. Parece-me mais lógico e sensato partir de descrições e reflexões sobre práticas mais localizadas, fazendo-as convergir gradativamente com base em seus aspectos comuns para então chegar a modelos mais gerais. Isso é o que se vem buscando com mais constância desde o fim da década de 1990, mas geralmente de forma dispersa e desconexa, a partir de áreas da Lingüística, da Semiologia ou mesmo dos Estudos da Tradução que seguem direções distintas e nem sempre se prestam facilmente à desejada convergência.

Com relação à tradução para legendas, a ampla maioria dos artigos e trabalhos acadêmicos sobre o assunto se restringe ou a descrever as principais características técnicas e operacionais dessa atividade, ressaltando as dificuldades no trabalho do tradutor, ou a relatar casos concretos, como a tradução de um determinado filme ou programa para uma língua específica, destacando questões problemáticas e fazendo observações que, ainda que ajudem a constituir um *corpus* de estudos nesta área, são de difícil generalização devido a seu caráter predominantemente empírico. Há ainda alguns manuais elaborados por produtoras especializadas em legendagem cujo nível de detalhe pode fornecer *insights*

---

<sup>6</sup> In spite of the many contributions presented in this volume, research in (multi)media translation remains difficult [...], for lack of appropriate theoretical frames and methodological tools. Until today, this research has not been confronted, for instance, by relevance theory, polysystemic approach, critical discourse analysis (so useful in Media Studies) or cognitive psychology.

interessantes ao pesquisador mas que são centrados apenas na prática, geralmente com o objetivo de obter um certo grau de padronização técnica no trabalho da equipe de tradutores e facilitar o controle de qualidade.

Porém, dado o interesse que o tema vem despertando, a partir desta virada de século começaram a surgir estudos teóricos de maior fôlego — geralmente ligados a práticas e contextos culturais específicos, como dito acima. No Brasil, consegui localizar menos de uma dezena de dissertações e teses dedicadas à tradução para legendas, mas sei que há várias outras em desenvolvimento e o primeiro volume temático sobre tradução audiovisual está sendo preparado para ser lançado em 2005 como um número especial dos *Cadernos de Tradução*, publicado pela Universidade Federal de Santa Catarina. No exterior, as duas principais editoras de obras sobre Estudos da Tradução, a John Benjamins e a St. Jerome, recentemente publicaram edições especiais incluindo colaborações dos autores mais reconhecidos na área — respectivamente, o já citado *(Multi)Media translation: concepts, practices, and research* (Gambier & Gottlieb, 2001) e *Screen Translation* (Gambier, 2003).

Durante minha pesquisa, até muito recentemente eu não havia encontrado outros trabalhos de teor eminentemente teórico que examinassem a tradução para legendas segundo o enfoque de duas abordagens inter-relacionadas que a meu ver representam um meio termo entre o superado cientificismo e os posicionamentos pós-estruturalistas mais radicais, e que se prestam a serem adaptadas de modo a fornecer subsídios para estudos mais aprofundados nessa área: a Teoria dos Polissistemas e os Estudos Descritivos de Tradução. Como já foi mencionado, por um lado as pesquisas de caráter descritivo tendem a relatar estudos de casos concretos empregando diretamente — muitas vezes de forma não explícita — conceitos e métodos dos Estudos Descritivos. Por outro, as raras propostas metodológicas para o estudo de modalidades da tradução audiovisual por vezes focalizam práticas diferentes da legendagem — vale destacar que a dublagem é a forma mais empregada em muitos países da Europa, de onde provém grande parte das pesquisas em tradução — ou se baseiam em outras subáreas ou paradigmas teóricos dos Estudos da Linguagem.

Dada a suposta inexistência de um enfoque sistêmico, descritivo e funcional que permitisse o desenvolvimento de estudos bem fundamentados sobre a tradução para legendas, comecei então a empreender a tarefa dupla de (i)

descrever sistemicamente a legendagem no contexto das práticas de tradução audiovisual realizadas no Brasil, empregando como subsídios tanto os diversos manuais técnicos, artigos e trabalhos acadêmicos publicados sobre o tema quanto minha própria experiência como tradutora para legendas; e (ii) refletir sobre as concepções teóricas e as propostas metodológicas da Teoria dos Polissistemas e dos Estudos Descritivos de Tradução de forma a adaptá-las ao contexto da tradução audiovisual, com foco na legendagem, visando contribuir para o desenvolvimento de uma metodologia de estudo sólida, capaz de sistematizar e agregar o número crescente de pesquisas realizadas nessa área.

Paralelamente a essa tarefa, a leitura de *A singularidade na escrita tradutora – linguagem e subjetividade nos Estudos da Tradução, na Lingüística e na Psicanálise*, de Maria Paula Frota (2000), me fez dedicar uma parcela de minha atenção ao aspecto singular das escolhas do tradutor durante seu trabalho, aspecto esse que, de modo intuitivo, eu já percebia como especialmente presente na tradução para legendas e que tende a ser excluído do escopo das teorias e pesquisas em tradução. Surgiu então um segundo objetivo: no contexto da prática da tradução para legendas vista sob a ótica de um modelo ampliado dos Estudos Descritivos de Tradução, refletir sobre o tradutor enquanto sujeito inserido em determinados polissistemas e sobre os aspectos singulares da sua prática.

O presente trabalho já estava em pleno desenvolvimento quando o teórico espanhol Jorge Díaz Cintas, cujo trabalho tive a oportunidade de conhecer há poucos meses, gentilmente me enviou sua tese de Doutorado (1997), uma pesquisa extensa e muito abrangente cujo objetivo é justamente propor um modelo teórico e metodológico para o estudo da tradução para legendas de filmes com base nos Estudos da Tradução, dentre os quais se destacam a Teoria dos Polissistemas e os Estudos Descritivos. Meu trabalho e o dele se diferenciam em vários aspectos, muitos deles devidos às diferenças significativas no papel da legendagem na Espanha e no Brasil — na primeira, ela ocupa uma posição muito secundária com relação à dublagem e, no segundo, a legendagem é uma prática já tradicional e amplamente aceita — e ao grande desenvolvimento nos últimos 7 ou 8 anos dos estudos sobre a tradução audiovisual, além da questão da subjetividade do tradutor, que não é por ele abordada. Mas também há vários pontos de sobreposição, em relação aos quais não quero deixar de apontar a anterioridade das contribuições de Díaz Cintas e tentar fazer com que essa convergência

produza reflexões mais atuais, abrangentes e úteis para os estudiosos e profissionais da área.

Portanto, em síntese, a presente dissertação visa trazer contribuições em três frentes:

- (i) no ramo teórico e metodológico dos Estudos da Tradução, através da ampliação, adaptação e atualização da Teoria dos Polissistemas e dos Estudos Descritivos de Tradução, enfocando os sistemas em que se praticam algumas das modalidades da tradução audiovisual, particularmente a tradução para legendas;
- (ii) na prática da tradução para legendas entendida no contexto da tradução audiovisual, por meio de uma visão sistêmica e funcional dessa atividade que possa fornecer *insights* úteis a profissionais, estudiosos, professores e alunos de tradução;
- (iii) nas reflexões sobre o aspecto singular da intervenção do tradutor em sua prática, com o intuito de manter em pauta essa importante faceta da tradução, a qual, a meu ver, pode enriquecer ainda mais as duas frentes acima.

A despeito do desmembramento desses assuntos em diferentes capítulos com vistas a estruturar e facilitar a leitura do texto, minha intenção é entendê-los de forma inter-relacionada, procurando integrar teoria e prática e propiciar uma maior aproximação entre academia e mercado de trabalho.

## 1.2 Esclarecimento terminológico

Estou adotando o termo *tradução audiovisual*, mas essa denominação não é unânime. Na literatura relacionada ao vasto conjunto de práticas entre as quais inclui-se a tradução de filmes e programas no formato de legendas, ainda se está buscando uma denominação que delimite essa área de forma satisfatória.

Por vezes fala-se na *tradução de cinema* ou *tradução cinematográfica*, mas o cinema é apenas um dos meios em que um determinado produto e sua tradução podem ser exibidos. De forma semelhante, *tradução de filmes* ou *tradução fílmica* (*film translation*) deixa de considerar — muitas vezes involuntariamente — uma ampla gama de produtos que a rigor não são filmes, tais

como reportagens, documentários, séries ou desenhos animados.

Em inglês, usa-se também o termo *screen translation*, por vezes traduzido em português como *tradução para as telas*, que em sua acepção mais restrita talvez seja o que mais se aproxime do conjunto de práticas que integram o foco central deste trabalho: programas exibidos nas telas dos cinemas e dos aparelhos de televisão, traduzidos através de diversas formas orais e escritas. Contudo, sua acepção mais abrangente e atual inclui também vários produtos exibidos na tela do computador, tais como páginas da Internet, jogos e aplicações de Informática (Díaz Cintas, 2003), o que a torna ampla demais para meus propósitos.

Os dois termos mais empregados atualmente, *tradução de multimídia* (*multimedia translation*) e *tradução audiovisual* (*audiovisual translation*), são vastos, difíceis de delimitar e frequentemente se confundem (Gambier & Gottlieb, 2001). O primeiro dá conta dos múltiplos canais envolvidos na emissão e o segundo remete aos sentidos envolvidos na recepção dos produtos e suas traduções. Isso faz com que esses termos sejam empregados para abrigar práticas tão diversas quanto a localização de sistemas computacionais, a adaptação de materiais educacionais e pedagógicos, a interpretação simultânea de espetáculos transmitidos ao vivo e a elaboração de legendas fechadas para deficientes auditivos, atividades claramente distintas e em geral praticadas por profissionais com especializações diferentes.

Outra proposta terminológica é *constrained translation*, termo apresentado por Christopher Tiftord e empregado por Jorge Díaz Cintas (1997), traduzido como *tradução subordinada*. Esse termo é também utilizado por outros teóricos espanhóis em referência às modalidades de tradução nas quais outros códigos semióticos, além do lingüístico, impõem coerções à tarefa do tradutor. Ele se aplica muito bem a diversas práticas tradicionalmente relacionadas à tradução audiovisual, tais como a legendagem e a dublagem, que são subordinadas a imagens, sons e aspectos fonéticos (no caso da dublagem), além de restrições de tempo e espaço (este último no caso da legendagem). Porém, esse termo é ainda mais vasto do que *tradução audiovisual*, visto que também abrange modalidades de tradução subordinadas somente ao canal auditivo, como músicas, ou somente ao meio visual, tais como cartazes publicitários ou histórias em quadrinhos. Outro inconveniente que vejo no termo *tradução subordinada* é que, se a expressão original em inglês já não é muito encontrada em textos nessa língua, nunca o vi

utilizado em português, e não acho recomendável forçar a inserção de mais um termo em nossa literatura sobre o tema, já tão pulverizada.

Dado que nenhuma solução é inequívoca e plenamente satisfatória, escolhi o termo *tradução audiovisual*, que está sendo amplamente adotado em várias partes do mundo e também no Brasil. Com ele, quero designar o conjunto de práticas que envolve principalmente a tradução oral e escrita de programas e filmes de gêneros e formatos variados, exibidos ou transmitidos em cinemas, aparelhos de televisão ou computadores e veiculados através de diversos meios eletrônicos, digitais e analógicos, tais como filmes cinematográficos, fitas VHS, DVDs, arquivos de computador e transmissões via satélite. Mais adiante, quando meu foco passar a ser apenas a tradução para legendas, o escopo das práticas consideradas ficará mais restrito.

Mas a terminologia é apenas o primeiro e mais superficial dos problemas que envolvem a identidade da área de estudos que lida com esse conjunto de atividades. Como bem resumem Yves Gambier e Henrik Gottlieb na já mencionada introdução à coletânea sobre tradução de multimídia/audiovisual, após discutir as dificuldades terminológicas,

[d]e fato, com textos audiovisuais e de multimídia, ficam turvos os limites entre centro e periferia em termos de produção e recepção, entre setores públicos e privados em termos de organização, entre distância e proximidade em termos de espaço, entre ao vivo e gravado em termos de transmissão, entre realidade e ficção em termos de referência, entre escrito e oral em termos de código, entre verbal e não verbal em termos de sistemas de signos.<sup>7</sup> (Gambier & Gottlieb, 2001:xi)

Ao longo do presente trabalho nos aprofundaremos em algumas dessas questões, um tanto quanto desestabilizadoras e para as quais não há uma solução definitiva, mas que proporcionam reflexões que considero proveitosas para os Estudos da Tradução de modo geral e enriquecedoras para a prática da tradução para legendas em particular.

---

<sup>7</sup> Indeed, with audiovisual and multimedia texts, the borders are blurred between centre and periphery in terms of production and reception, between public and private sectors in terms of organization, between distance and proximity in terms of space, between live and pre-recorded in terms of broadcasting, between reality and fiction in terms of reference, between written and oral in terms of code, between verbal and non-verbal in terms of systems of signs.

### I.3 Estrutura da dissertação

No próximo capítulo, são apresentados os fundamentos teóricos e metodológicos do presente trabalho, destacando-se as reflexões e os conceitos mais pertinentes. A Seção II.1 resume a Teoria dos Polissistemas, elaborada por Itamar Even-Zohar (1990), e a II.2 caracteriza as contribuições e a metodologia dos Estudos Descritivos de Tradução, cuja autoria remete principalmente a Gideon Toury (1991, 1995a, 1995b, 1998) mas que alia trabalhos importantes de outros autores, como André Lefevere (1992), José Lambert (1991) e Theo Hermans (1991). A Seção II.3 apresenta o modelo metodológico elaborado por José Lambert e Hendrik van Gorp (1985) para auxiliar no desenvolvimento de pesquisas descritivas no campo da tradução literária, o qual será adaptado para a área da tradução audiovisual no Capítulo III. O Capítulo II se encerra com uma reunião e análise de comentários e críticas feitos à Teoria dos Polissistemas e aos Estudos Descritivos de Tradução, na Seção II.4.

No Capítulo III, os fundamentos teóricos e metodológicos apresentados no capítulo anterior são ampliados e adaptados ao contexto da tradução audiovisual. Na Seção III.1 é descrito o polissistema audiovisual, que incorporo ao polissistema cultural de Even-Zohar, e a Seção III.2 explora o polissistema de tradução audiovisual — contido no polissistema audiovisual —, no qual situo as atividades que são o objeto central desta pesquisa. Ao final dessa seção, fechando o capítulo, apresento uma proposta de adaptação do modelo metodológico de Lambert e van Gorp ao campo da tradução audiovisual, no intuito de facilitar a sistematização de trabalhos de investigação nessa área.

O Capítulo IV é inteiramente dedicado à tradução para legendas, atividade que é caracterizada tanto em função de suas relações sistêmicas externas, sendo contraposta à dublagem (Seção IV.1) e à tradução literária (Seção IV.2), quanto em termos dos componentes e processos que nos permitem entendê-la como um polissistema (Seções IV.3 e IV.4). Na Seção IV.4 são também examinados três conjuntos de normas desse polissistema: aquelas referentes aos meios em que os produtos audiovisuais são veiculados, as que dizem respeito aos processos de elaboração das legendas e as instituídas pelos clientes e mecanismos de controle do sistema. A Seção IV.5 conclui o capítulo com algumas reflexões sobre a posição do tradutor que faz parte desse sistema, as quais nos levam ao capítulo

seguinte.

O Capítulo V aborda a questão da subjetividade na área da tradução para legendas, levando em conta tanto a singularidade do tradutor (Seção V.1) quanto a particular vulnerabilidade da legendagem (Seção V.2), a qual expõe essa singularidade mais do que a maioria das outras modalidades de tradução. Essas seções representam apenas uma abordagem inicial a um assunto tão complexo, e o capítulo se encerra com uma nova proposta que reivindica a integração de reflexões sobre a subjetividade na tradução aos fundamentos teóricos nos quais se baseia este trabalho.

Finalmente, o Capítulo VI apresenta as conclusões da presente pesquisa.